

## CONTRIBUIÇÕES DA OBRA “O MESTRE IGNORANTE: CINCO LIÇÕES PARA A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL” DE RANCIÈRE PARA A REFLEXÃO EM ESPAÇOS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Adriana Ofretorio de Oliveira Martin Martinez<sup>1</sup>

A escrita pode ser um instrumento de transgressão, de criação, ou meramente uma ação reprodutora de ideias. Ela ainda, dependendo da visão do sujeito que a utiliza, torna-se instrumento que viabiliza um olhar problematizador sobre o fato que se deseja escrever.

Neste sentido, quando nos reportamos a possibilidades da escrita como meio de problematização das experiências, adentramos na possibilidade de referenciá-la para um contexto de desenvolvimento profissional de professores em exercício. Tal possibilidade pode ser observada em diversos trabalhos de pesquisa, inseridos na área da formação docente, apresentados em congressos e seminários<sup>2</sup>, quando relatam diferentes experiências com o uso da escrita reflexiva: ora como instrumento que compões o *corpus* de pesquisas centradas na aprendizagem para a docência, pois configura-se num contexto de observação e produção de sentidos sobre as experiências, ora como objeto a ser investigado. (GASTAL, AVANZI, 2015; ROSA, BARALDI, 2015; BERGAMASCHI, ALMEIDA, 2013).

Tanto para Galvão (2005), Prado (2005) e Souza (2006) o ato de escrever, numa perspectiva reflexiva, oferece a possibilidade de o sujeito se afastar de uma escrita da imediaticidade dos fatos e se aproximar do (re) conhecimento das experiências de sua prática educativa, dando a esta um significado pessoal. Galvão (2005) destaca, ainda, que a escrita nesta vertente ao resgatar memórias e sentidos sobre a profissão assume um “[...] caráter social explicativo de algo pessoal ou característico de uma época” (GALVÃO, 2005, p. 329). Além disso, consideram-na um instrumento que desencadeia o processo de ver, pensar e agir, sobre os significados produzidos em tais práticas.

Diante deste cenário dialógico, surge, então, a escrita na qualidade narrativa como possibilidade de problematização e análise das experiências na formação de professores, tornando-se um modo outro de refletir a temporalidade dos fatos e significados entrelaçados a eles. Consideramos também, que ela direciona à uma retirada do véu que esconde os significados pessoais e sociais das práticas educativas e ainda, contribui para que o profissional da educação adentre em um mundo criativo, desafiador e instigante, que o torna sujeito-autor, e o conduz a ser o protagonista de suas experiências, assumindo-as ou negando-as.

Nesta escrita as palavras vão se unindo e configurando em produções de diferentes significações sobre as experiências. Assim, como bem destacou Smolka (2004), a palavra torna-se um meio de mobilização e produção de significados, pois: “[...]vão provocando imagens. Elas têm história. E o trabalho com palavras e imagens cria cenas, desenvolve narrativas. As palavras vão mobilizando, constituindo a imaginação, vão configurando conceitos” (idem, 2004, p. 43).

Deste modo, corroborando com o intento de promover um contexto que permita ao sujeito-educador contar suas experiências e questioná-las, e assim, instigar uma interação entre espaços e tempos pedagógicos vividos, nos adentramos na possibilidade de formação, não apenas do professor, mas de diferentes profissionais da educação, com uma proposta de escrita que perpassa o sentido da narrativa, porém configura-se em um movimento singular de criação e análise textual. Nos referimos à análise factual promovida pelas questões jacototianas: “[...]O

---

<sup>1</sup> Prefeitura Municipal de Jaguariúna, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [aofretorio@gmail.com](mailto:aofretorio@gmail.com).

<sup>2</sup> ENDIPE 2012, 2014, entre outros.

que vê? O que pensas disso? O que fazes com isso?”(RANCIÈRE, 2002, p. 35). Escolhemos tais questões como metodologia formativa pois, são balizadoras de um conceito de aprendizagem que promove a emancipação intelectual do sujeito em três etapas do desenvolvimento do pensamento a respeito de um conhecimento: percebê-lo, refletir sobre ele e problematizá-lo.

Esta perspectiva inovadora surge da experiência docente de Joseph Jacotot, importante professor e filósofo francês do final do século XVII e início do século XIX, no qual Rancière (2002) desvela em seu livro “O mestre Ignorante: Cinco Lições para a Emancipação Intelectual”. O referido filósofo francês aponta que o conhecimento deve ser um instrumento que permita ao sujeito se emancipar dos significados sociais e culturais nos quais está imerso, por ora impregnados de ideologias; e esta emancipação se dá pela elaboração de significados novos sobre uma experiência; além do mais, todo sujeito tem um conhecimento que pode ser desvelado e (re)significado. Nesta perspectiva, o filósofo questiona o modelo de educação e sociedade de sua época, em seu país, que até então, centrava-se no conceito da existência de um mestre que tudo sabia, detentor da informação a ser ensinada, e o aluno, era o sujeito que não possuía o conhecimento, necessitando adquiri-lo. Em tal relação, o processo da aprendizagem estava reduzido apenas à assimilação de um conhecimento, transformando o sujeito em um repetidor de significados prontos.

Para Jacotot (RANCIÈRE, 2002) a relação com o conhecimento precisa ser libertadora e para isto, o mestre deve ser aquele que instiga o exercício do pensar partindo “não do que o “ignorante” desconhece, mas do que se sabe” (idem, p. 191). A lição de emancipação passa, portanto, pelo desvelar de significados e o pensar sobre um saber, assim, surgem as três questões no intuito de expor, refletir e agir em uma sequência de observações sobre um fato.

Atualmente, muitos filósofos e educadores consideram que Joseph Jacotot esteve à frente de sua época quando propôs este exercício de autonomia intelectual para os estudantes e, ainda, que tais princípios são contemporâneos à diversos conceitos sobre ensino e aprendizagem presentes em nossa realidade, instigando à novas práticas pedagógicas (VERMEREN, CORNU, BENVENUTO, 2003).

Partindo do diálogo até aqui exposto, e inspirados no olhar investigativo proposto por Ginzburg (2003), no qual, se atentar aos indícios de existência do objeto investigado contribui para analisar as possíveis relações de causa e consequência dos fatos que o geraram, pretendemos, neste texto, compreender se tal exercício, desenvolvido a partir da problematização dos significados das experiências de diferentes profissionais da Educação Infantil<sup>3</sup>, contribui para que estes vivenciassem momentos de criação e/ou transgressão dos sentidos pessoais sobre a própria prática educativa.

### **Caminhos formativos**

O curso de formação continuada, no qual atentamos para dialogarmos neste texto, foi desenvolvido durante um ano com diversos educadores vinculados à uma Prefeitura de um Município no Estado de São Paulo e fez-se como objetivo integrar os diferentes profissionais que atuam na Educação Infantil em ações de observar, planejar e registrar a prática educativa nos ambientes escolares. Deste modo, toda escrita iniciava de um contexto de específico de dinâmicas e diálogos, sobre diferentes experiências e conceitos de planejamento resgatando espaços-tempos de experiências e relacionando-os à espaços-tempos futuros.

---

<sup>3</sup> No presente texto, utilizamos o termo educador para nos referir ao grupo de professores e monitores de Educação Infantil que participaram do curso de formação continuada no qual foram utilizadas as questões, desenvolvidas por Jacotot, como exercício formador.

A retomada de uma experiência conduzia para o planejamento de uma outra experiência e a conseqüente produção de um texto escrito. Foi neste processo que surge então, em um dos exercícios de análise de uma experiência pedagógica, a escrita orientada pelas questões desenvolvidas por Jacotot: 1) o que vê? 2) o que pensas do que vê? e 3) o que fazes com o que pensa do que vê?.

Assim, todos os participantes do curso desenvolveram, pelo menos, um exercício de rememoração, ressignificação e análise de uma experiência por meio dessas questões. Ao final de cada exercício, a professora formadora responsável dialogava sobre tal experiência, e posteriormente lia cada um dos textos e os devolvia com comentários e sugestões. Neste sentido, todo texto escrito também se configurou um diálogo formativo.

Apresentaremos neste texto, uma reflexão da professora formadora acerca dos possíveis significados sobre o processo formativo que os sujeitos revelaram em tais produções, sondando quais destes poderiam indicar, entre outras possibilidades, a transgressão de sentidos sobre diferentes experiências profissionais.

### **Um percurso reflexivo: o que vejo? o que penso do que vejo? o que faço com o que penso do que vejo?**

Ao analisar o movimento de produção textual, observamos, na escrita sobre a primeira questão, o que vê, a elaboração de um olhar mais descritivo sobre a situação na qual se desejou dialogar. Os educadores escolheram uma experiência profissional relacionada às relações interpessoais, seja com as crianças ou com seus pares, ou uma atividade pedagógica desenvolvida para ser narrada e assim, torná-la (re)conhecida para si mesmo. Além da descrição, consideramos que este primeiro movimento de escrita também foi um momento de interligar espaço-tempos de experiências e anseios.

Notamos, em alguns textos, que os educadores relataram suas impressões sobre um momento do plano de trabalho realizado, já em outros, prevaleceu a observação de questões interpessoais entre as crianças, tais como, conflitos entre o grupo, a dificuldade em cumprir as regras de convivência e, até mesmo, o grau de envolvimento destas e o interesse delas por temas de aprendizagem. Foi notório que um dos textos transgrediu a proposta da descrição, pois construiu a imagem de sua experiência utilizando uma alegoria: a tela de aquarela monocromática. A representação dos sentidos de sua experiência por uma única cor alude que tal momento pode ter sido distante daquilo almejado, podendo indicar uma possível frustração pessoal.

De um modo geral, na segunda questão “o que pensas do que vê?”, almejávamos compreender quais inferências poderiam ser elaboradas a partir do relato das experiências ressaltadas pelos educadores. Este seria o momento de iniciar uma análise sobre o fato narrado, questionando ações, problematizando dizeres, enfim, configurar-se-ia um exercício de reflexão sobre a experiência no qual se pretendia dialogar.

Neste espaço alguns educadores desvelaram as dificuldades inerentes à profissão, em diversos sentimentos, como por exemplo, a incapacidade de mudar a realidade das experiências afetivas de algumas crianças e como esta interferia na qualidade das relações entre o grupo. Os educadores expressaram também suas opiniões, sentimentos e por vezes, descontentamento, sobre as experiências narradas, em uma perspectiva dicotômica entre desistir e continuar na profissão. Pensar sobre aquilo que se deseja ver se configurou, também, em uma análise de tempos e espaços distintos: olhar para o passado no presente. Assim, surgiu o que já esperávamos: tantos questionamentos de si, de planos não concretizados, de desejos que foram transformados em frustrações. Entretanto, em diversos textos surgiram opiniões favoráveis aos

sentidos revividos pelas experiências narradas, surpreendendo muitos educadores, que desconheciam tais evidências.

A escrita sobre a terceira questão jacototiana, “O que faço com o que penso do que vejo?” se configurou como um lugar de composição de novas estratégias de avaliação e ação, seja na prática com as crianças, ou, na análise do lugar profissional que os educadores ocupavam no momento da escrita. Muitos textos apresentaram planos e possibilidades de mudança da experiência analisada e alguns até a reanálise das impressões deixadas na resposta à questão anterior (o que pensas...), desenvolvendo assim, um texto por vezes contraditório, mas que permitiu ao autor se ver e analisar nesta contradição, pois a experiência da vida profissional não é linear e nem coerente. Portanto, nesta última questão, de um modo geral, ora foi repensado o significado atribuído ao fato narrado, ora repensando a ação descrita.

### **Tecendo considerações**

O livro de Rancière (2002) sobre a experiência profissional de Jacotot, bem como sobre sua contribuição ao cenário de ensino e aprendizagem, nos aproxima da noção de emancipação intelectual e conhecimento de uma realidade pela análise dela. Por esta perspectiva, utilizamos tais conceitos, refletidos pelas questões jacototianas já mencionadas, como instrumento de escrita em um curso de formação continuada de Educadores da Educação Infantil. Este foi um contexto de formação que privilegiou a produção de uma escrita questionadora dos saberes sobre as experiências de diferentes práticas educativas e culturais.

Neste espaço, entre produções de narrativas, resenhas, poemas, poesias, práticas educativas, utilizamos as questões jacototianas em uma modalidade de escrita-resgate e projetista das experiências, tendo como mote a articulação do pensamento sobre as ações em tempos e espaços distintos. A proposta também foi mobilizar saberes, desvelando significados na tentativa de promover um ambiente onde o “mestre”, por ora ignorante de um saber a ser imposto, direciona a reflexão de seu aprendiz para sua emancipação intelectual por meio de questionamentos.

Observamos que as questões elaboradas por Joseph Jacotot (RANCIÈRE, 2002), ao seguir uma ordem de análise de um conhecimento (resgate, análise e projeção dos sentidos) tornaram-se um instrumento importante no contexto do curso de formação continuada descrito neste texto, pois permitiu aos educadores produzirem novos sentidos e significados sobre o próprio desenvolvimento profissional. Contribuiu, também, para que os educadores percebessem que toda experiência tem seu valor e traz consigo diferentes qualidades.

Ainda, o falar de uma experiência pela escrita, pelo movimento das questões foi, para muitos sujeitos um ato de transgressão, pois, por vezes, o silenciar as experiências ocupou um lugar comum e recorrente na prática cotidiana coletiva e individual dos educadores.

Consideramos, que houve também, uma transgressão dos sentidos sobre a relação entre educar e cuidar, muito discutida no campo da Educação Infantil, dada pela presença de opiniões divergentes e incoerentes, e ainda, pela possibilidade de escrever sobre um sentimento antes não dito, o (des) contentamento. Ainda, observamos, neste processo de escrita, uma aproximação dos educadores com os saberes de sua experiência profissional, dimensionando a importância de revivê-las e (re) significá-las. Sendo assim, a descrição deixou de ser efêmera e tornou-se intencional, pois as questões foram um norte que balizou a sequência da produção reflexiva proposta, desmistificando a função pragmática da escrita, tornando-a parte da rotina e reflexão dos fazeres profissionais.

## Referências

BERGAMASCHI, M. A.; ALMEIDA, D. B. Memoriais escolares e processos de iniciação à docência. **Educ. rev.**, *on-line*, 2013, v. 29, n. 2, p. 15-41, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-6982013000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-6982013000200002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20, fev., 2016.

GALVÃO, C. Narrativa em Educação. **Revista Ciência e Educação**, *on-line*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf>>. Acesso em: fev, 2009.

GASTAL, M. L. A.; AVANZI, M. R. Saber da experiência e narrativas autobiográficas na formação inicial de professores de biologia. **Ciênc. educ.**, *on-line*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 149-158, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bolema/v29n53/1980-4415-bolema-29-53-0936.pdf>>. Acesso em: 20, fev., 2016.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (Org.) **Porque escrever é fazer história**. relações, subversões, superações. Campinas: Graf FE, 2005.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROSA, F. M. C. da; BARALDI, I. M. O uso de narrativas (auto) biográficas como uma possibilidade de pesquisa da prática de professores acerca da Educação (Matemática) Inclusiva. **Bolema**, *on-line*, v. 29, n. 53, p. 936-954. 2015. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/bolema/v29n53/1980-4415-bolema-29-53-0936.pdf](http://www.scielo.br/pdf/bolema/v29n53/1980-4415-bolema-29-53-0936.pdf)>. Acesso em: 20, fev., 2016.

SMOLKA, A. L. B. Sentido e significação. Parte A – sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (Org.) **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 35-49.

SOUZA, E. C. de. **O Conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador. Bahia: UNEB, 2006.

VERMEREN, P.; CORNU, L. ; BENVENUTO, A. Atualidade de O mestre ignorante. **Educ. Soc.**, *on-line*, 2003, v. 24, n. 82, p. 185-202. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302003000100009>>. Acesso em: 10, maio, 2016.